
JOSÉ, E AGORA?¹

Augusto Rodrigues da Silva Junior²
Ana Clara Magalhães de Medeiros³

que força reside numa pergunta: e agora, José? o que faremos com você? o que faremos, José? o que falaremos, José? e agora? você que escreveu prosa, você que fez versos, você que arquitetou peças... está sem Marcenda, está sem Blimunda, sem Lídia, sem Joana Carda, sem a mulher de óculos escuros, sem todas as mulheres saramágicas...

e já não pode escrever, já não pode beber, já não pode comer: e agora, você.

José entre tantos Josés. e dizemos José para lembrar: que somos tantos e que fomos tantos... os que passaram, os que aqui são, aqueles que por nós a esperar estão...

e se houve alguma vez neste mundo alguém sem nome, sem alguém para chamá-lo, ao menos de José Junior, certamente, no âmbito de sua existência, na sua pequenez desavisada, nas pedras com que o

1 Uma primeira versão deste texto foi especialmente escrita pelos componentes do Projeto Sinfoniasamar (2012) para ser lida no ano dos 90 anos de nascimento de José Saramago. A versão comemorativa foi publicada na Revista Blimunda. Depois, tornou-se uma espécie de manifesto de amor por literatura e lembrete de que a arte pode melhorar os seres. E agora, dois anos depois, a convite da Professora Sandra Ferreira, que ouviu esta homenagem textual performada no Dia do Desassossego brasileiro de novembro de 2013, é publicado em nova versão. Mantivemos a ideia da grafia com letras minúsculas, excetuando-se todos os nomes de pessoas e lugares. Uma criação com marcas saramaguianas e drummondianas. Uma homenagem, humilde e menor, que se amalgama a citações, metonímias, epífrases, facetas poéticas de tantos nomes... Esta estilização exclui também a apresentação de referências bibliográficas, visto que o texto mescla, sem marcação para sua melhor fruição, trechos de escritos/discursos de José Saramago e de Carlos Drummond e de diversos autores de qualquer-tempo no mundo-todo que são geralmente conhecidos e que podem, portanto, ser facilmente reconhecidos pelo público leitor nas marcas que deixamos, nas pistas que esquecemos, nos jardins das palavras a mais.

2 Augusto Rodrigues da Silva Junior é Professor de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília (UnB). Cursa Pós-Doutorado em Literatura na Universidade do Minho (UM); Bolsista Capes. augustorodriguesdr@gmail.com.

3 Ana Clara Magalhães de Medeiros cursa Doutorado em Literatura na Universidade Brasília (UnB). Bolsista Capes. a.claramagalhaes@gmail.com.

apedrejaram, se realmente nascera, filho de mulher, sabia ter um nome no qual caberiam Todos os nomes... em qualquer língua... José. todos os Josés.

nossa página é nossa língua.

escrevemos como se assinássemos um manual de leitura e de caligrafia sobre o outro, sobre o romance que nos aproxima e que nos exige uma resposta e, no entanto, mal rompe a manhã, cá estamos, levantados do chão, a escrever memoriais e memórias póstumas de leituras.

e cá estamos já para blimundiar. lembrando o dia de nascimento e o dia da morte de um escritor. José Saramago, entre todos os nomes, nasceu em Azinhaga, andou pelo Brasil e morreu num ilhazinha na Espanha – dois lugares ligados por um hífen-vivo, palavrado em romances, presentificado em biografias.

(e todo ser humano é um hífen cercado de vida e de morte por todos os lados).

e Saramago nasceu quando? no dia de seu nascimento mesmo? no dia em que o registaram? no dia que deu nome ao nome do pai, no dia em que começou a ler, no dia que assinou, no dia em que escreveu a primeira palavra, e qual foi a primeira palavra de Saramago, perdida, nos manuais de caligrafia e que o geraram quando em livro – fizeram-no-gerado; fez-se-gerado; tez-se geraldo, fado-gerado, famigerado: Saramago nasceu no dia em que veio a público o primeiro poema, o primeiro texto, o primeiro nome no jornal, o único Nobel em luso-palavra. ou então, ele nasceu mesmo quando Baltasar encontrou Blimunda: eles, que amam, protestam, fazem verbo e advérbio, e agora?

e quando Saramago nasceu em você? nasceu no primeiro livro, ou mais: na primeira vírgula, na primeira página de um conjunto de páginas que tivemos de voltar porque já não falava mais um dos Josés, não falava o narrador, mas dialogavam personagens nascidos de páginas de livros. ou melhor: quando nasceu para cada um de nós, dentro de nós, com seu nome ecoando entre personagens e páginas, insônias e lisboas revisitadas ou redescobertas de mundos...

quando habitamos Saramago? este homem duplicado, multiplicado, ser-península que nos conecta e nos jangada. nestes mundos criados por Saramago – que são um mundo e que fazem parte deste mundo de Josés e de Carlos – vivemos momentos e sentimentos da existência.

e quando rumamos em direção a Saramago: de passarola pelo ar, de jangada por mares, ou apenas apanhamos o elefante numa viagem de ida para a vida... ah! cada romance de Saramago é uma passarola, uma jangada, um elefante: voam leves, em estados latentes de palavra, desafiam seus tempos, em condição humana de melhorar o ser, rememoram desejos de voo e cada romance é um voo, uma viagem, uma ventura de ilhas desconhecidas.

mundo mundo vasto mundo é preciso revisar tudo no mundo – mesmo o que é invisível, diria um Saramago-Raimundo. vida vida vida, Blimunda, passarinha, revivida e Baltasar, passarov, baita sorte: ambos bailando na balada escrita de ar no céu de passar!

e nossas palavras são palavras lavradas que buscam mundos, que se reconhecem, que entoam canções amigas, que caminham por uma rua que passa por muitos países e que se reconhecem nos mundos criados por Josés, Fernandos, Miguéis, Luíses.

– saravá, saramar, sim-é-mar, não-é-mar, sim: é mar de morar...

e a experiência de entrar no livro em um tempo de estar na vida sugere uma identidade duplicada, nesta língua lusespalhada, neste mar, mirada, cais de, de tantas moradas.

e mesmo que saibamos de páginas não sabemos ao certo como vivemos no instante da leitura, afinal lemos com as palavras de outro, com as imagens de outro, com o ritmo de outro, no cotidiano do outro, e na luxúria da próxima página, atravessada pelos olhos atentos... não temos palavras mínimas, nem brevíssimas, nem onomatopaicas e, menos ainda: somos, pois lidamos com as palavras do mundo e não podemos explicar o mundo desde o começo ou, melhor, desde o dia, desde o cotidiano, como José o fez, como José fazia, sem pressa e sempre redescobrimo o tempo. José, e depois?

e o que falar deste autor? talvez, falemos dele para reviver a palavra dele na nossa condição limitada de seres de palavras. e palavra de honra que não foi tempo perdido porque José sempre encontrava a palavra e, mesmo que mínima, palavra máxima daquele dia (de criação), daquela noite (de leitura e vivência) deste dia (de resposta e experiência).

o que faremos com este autor? este autor que já esteve vivo, viu!, este autor que pensava que talvez não estivesse vivo um dia, viu!, este autor que não acreditou em vida além da vida, ou este autor, segundo a sua certa e própria certeza, que não estaria presente em algum momento que lembrássemos dele... este autor que comemorou anos, mesmo *in absentia*, mesmo *in memorian*, afinal, houve uma conservatória que registou seu dia e, nesta data querida, ficou marcado pra sempre naquela Conservatória de uma cidadezinha qualquer que este homem, com este nome, assim assado, assinaria seu nome, seus romances, sua poesia, sua lanzarotearia.

— saramar! pulsam nossos corações neste dia de todos os Josés!

e quem justificará, enfim, palavras escritas? a sentença é do narrador cronista inventado por José Saramago em Uma carta com tintas de longe, E nesta carta, agora, escrita também com tintas de perto, tintas e palavras unem-se em um lugar único: tão longe e tão perto de todos os leitores, personagens, narradores e grandes autores: um dia, uma imagem, histórias que se cruzam.

e ensaiamos sobre José: o instante de plenitude em que todos os vocábulos escritos e pronunciados, pensados ou silenciados, justificam-se, irrompem-se do intuito comum de *melhorar os homens* – e ainda há quem duvide de que a arte possa melhorar os homens?! ainda agora, José?

Saramago é romance. tu, você, Saramago no nome, incontestavelmente, um personagem certo no cenário do teatro mundo no complexo enredo das contradições humanas. e nos leva, abridor de caverna, a pensar que talvez sejamos destas personagens erradas, nascidas em outra de outra crônica sua. pois guia-nos com a iminente conclusão de que ser *persona* errada (ou ser *gauche* na vida) no jogo das contas de vidro do mundo é não deixar de dizer a palavra, não deixar de fazer o gesto, é nunca abandonar a busca pelas palavras mínimas – brevíssimas – já passaram? que expliquem o mundo desde o começo.

tantos Josés eternizados nos romances, contos, poemas, crônicas e peças – à procura da palavra outra, da palavra que alcance o outro para humanizá-lo, e que o lance em outro bem rompe a manhã... enquanto aprendemos a humanizarmo-nos também...

e explicar o mundo, coisa difícil, desde o começo é perscrutar nas palavras de pedra – feitas por homens de cais e poesia – ah, quanta saudade de pedra quando pronunciamos um nome! nomes que concebem leitores, palavras que concedem a leitores e autores a arte de viver o outro.

e tantos Josés andando pelo mundo: não os esqueçamos nunca. José sem mulher, José sem carinho, José sem porta, mas José marchando, pois é, para voltar para casa, aonde o esperam...

que faremos com o autor que, nascido da mesma Península que nos legou o António que foi Vieira, o Miguel que se fez Cervantes, o Luís lusíodo que ficou Camões e o Fernando que foi Pessoa, todas as Pessoas – heterônimos, sem corpos, mas, com obras. o mundo tem graça: homens de carne e osso que fizeram nomes. seres sem carne e sem osso, mas que se fizeram vivos! trabalhar pra ter uma ideia própria, personificada – em máscara, fingimento, desassossego.

que faremos agora, José, com esses livros todos que apontam para uma Ibéria descolada e flutuante do restante da europa, que testemunham uma terra portuguesa dominada mais pela casualidade histórica que pela real intervenção dos homens e mulheres comuns mesmo quando sem nome ou discurso, na construção de paisagens e de um país.

José, e agora? que faremos com os seres humanos em cavernas indecifráveis, onde morte e vida resumem-se, por vezes, à mesma insignificância. obras de enxergar contra sombras aparentes e cegueiras brandas: obras que, finalmente, ensaiam a vida para alcançar a polifonia, a igualdade, a democracia...

a poesia da vida cabe nesta página em branco. José e a vida da poesia que coube numa página de sangue. e toda página: tão branca, como coisa escrita de preta. e uma cor preta, tão tinta, como marca impressa, retinta, numa tela de cinema. em começos de sessões embargadas, em salas escuras exibindo desassossegos, aquilo deu nisso.

o José Saramago que encontrou os diversos Josés existentes pela palavra literária eternizada em prosa. poeta habitat a habitar o outro pelo verbo e a navegar saramares nunca dantes navegados. e extrair da forma, a beleza do advérbio; da arte, a ação: até ao dia que for, trabalhar sempre, mesmo para as coisas que não veremos.

e no instante em que nos separamos de um livro de José retornamos a nós mesmos? conhecemo-nos a nós mesmos? sair de um livro como sair de um sono profundo, aquele deitar-se para morrer, deflagrado por Ofélia, ou então, sair de um livro como (nunca?) sair da infância, do tempo perdido, do tempo redescoberto. sair de um livro de Saramago como sair do estado de graça? é pra lá que vamos.

e quando escrever sobre nomes e livros visitar, fugir de nós, e voltar de nós, e nos encontramos e seguimos para um caminho duplicado como crianças acordadas. e respondemos: o que nos leva a escrever sobre um autor?

como Saramago pôde, com seus livros, nos trazer de tão longe, de todo mundo, para celebrá-lo, para recordá-lo, pelo que era, pelo que pensava, pelo que nos melhorou.

que pessoas quixotescas somos nós que se unem à roda de um escritor andante e que pessoas sanchescas são essas que vão tomando gosto por livros, pelo mundo de livro, pelo fingimento de livro, que chegam a fingir que é dor a dor que deveras sentem ao escreverem quixotescamente, sanchescamente sobre seres, nomes e livros. que pessoas oceânicas somos colhendo do livro, de todos os livros, uma única pergunta: o que faremos com este autor?

o que fizeram dele quando ele tornou-se autor. o que fizeram dele os seus iguais? os seus outros? o que fizeram dele os seus ibéricos, o que fizemos nós os américo-ibéricos, os braso-kanoê que, com a chegada de nau de pedra, abrimos nossa casa para palavras, para presença, para a vida impressa e carnal. lançada, visitada, palavrada: que poderia ter sido e que foi e que é.

samar! palavra e nau braso-afro-luso-ibera-latina: eita vida besta, José! e o que faremos com este hífen?

uma pátria-língua nos é e nos somos: leitores e respondentes. polifonia da lusofonia: noite e dia noite e dia. pois é.

e falamos de José. de um José qualquer do Ribatejo, baixo-Tejo, do Alentejo, do José que deu nome ao pai, do José que era um avô, do José que foi pai sem o ser do filho do outro... do José que foi nome de livro: colher José Tatarana, José Fabiano, José de Aires...

(e falamos em nome de todos os nomes...)

e quando imaginamos apresentar ideias, com lucidez, apresentamos um pequeno ensaio sobre a insensatez – nossas palavras geram apenas páginas em branco! e agora?

e quando rumamos para a palavra definitiva percebemos que tudo são intermitências... ah, as intermitências das vidas, as intermitências das insustentáveis levezas de ser, as intermitências da morte, as intermitências das sustentadas realidades do cotidiano, as intermitências do ato de passar a página: e outra de mais e outra de mais e outra demais, ademais, outra página porque somos leitores andantes à roda de José: e agora, Saramago?

e o que tem de ser, tem de ser, tinha de ser, porque o acontecido já estava acontecendo. e falamos em nome de uns poucos nomes, mas seguimos, sem pressa, sem nunca perder tempo, pelo caminho de José, pois há, ainda que estamos vivos, uma urgência das coisas mais simples e ainda acreditamos que a arte pode mudar os seres, todos os seres...

e mais uma página para ler e outra e outra de outra e mais outra...

Brasília-Lisboa, 15/12/2012/ Minho-Brasília, 15/03/2015

Data de recebimento: 15 jun. 2015.

Data de aprovação: 03 ago. 2015.